



**CATHERINE PEIXOTO   ESTUDO SOBRE A VIOLÊNCIA NAS RELAÇÕES DE  
FERREIRA COELHO   INTIMIDADE: ESPECIFICIDADES DO CONTEXTO  
PRISIONAL**



**CATHERINE PEIXOTO FERREIRA COELHO** **ESTUDO SOBRE A VIOLÊNCIA NAS RELAÇÕES DE INTIMIDADE: ESPECIFICIDADES DO CONTEXTO PRISIONAL**

Dissertação apresentada à Universidade de Aveiro para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Psicologia Forense, realizada sob a orientação científica do Doutor Carlos Fernandes Silva, professor catedrático do Departamento de Educação da Universidade de Aveiro, e co-orientação científica da Doutora Sandra Cristina de Oliveira Soares, professora auxiliar do Departamento de Educação da Universidade de Aveiro.

## **o júri**

|            |  |
|------------|--|
| Presidente | Prof. <sup>a</sup> Doutora Isabel Maria Barbas dos Santos<br>Professora Auxiliar da Universidade de Aveiro |
| Arguente   | Doutora Ana Telma Fernandes Pereira<br>Investigadora Auxiliar da Universidade de Coimbra                   |
| Orientador | Prof. Doutor Carlos Fernandes Silva<br>Professor Catedrático da Universidade de Aveiro                     |

## **Agradecimentos**

Agradeço a todas as pessoas que contribuíram para o meu enriquecimento académico, proporcionando a elaboração desta investigação:

À Prof.<sup>a</sup> Doutora Sandra Cristina de Oliveira Soares da Universidade de Aveiro, cujas sugestões contribuíram para a estruturação deste projeto.

Ao Prof. Doutor Carlos Fernandes Silva da Universidade de Aveiro, pela sua atenção e apoio dispensado na realização deste estudo.

A todos os professores do curso de Psicologia que fizeram parte do meu percurso académico, pelo contributo fundamental para a execução deste estudo e pela oportunidade das reflexões e experiências partilhadas ao longo de cinco anos.

Ao Estabelecimento Prisional Especial de Santa Cruz do Bispo que tornou possível este estudo e a todos os reclusos que nele participaram.

E aos meus pais, namorado e amigos pela paciência demonstrada e ajuda na superação de obstáculos que ao longo deste trajeto foram surgindo.

## Palavras-chave

Violência entre parceiros íntimos, contexto prisional, diferenças de género.

## Resumo

O presente estudo pretende contribuir para a compreensão da Violência nas Relações de Intimidade em Contexto Prisional. Para o efeito, tenciona avaliar a prevalência da Violência por Parceiro Íntimo (VPI) dos reclusos no género feminino e género masculino, quer nas relações atuais quer nas relações passadas e procura verificar se existem diferenças significativas ao nível da manifestação da violência física, emocional, sexual e económica. Considera-se como outro objetivo desta análise a identificação do tipo de comportamento violento mais frequentemente perpetrado e recebido nas relações íntimas atuais, no género feminino e no género masculino.

A amostra é constituída por 140 reclusos do Estabelecimento Prisional de Santa Cruz do Bispo, com idades compreendidas entre os 22 e 64 anos, dos quais 70 são do sexo masculino e 70 do sexo feminino. Os participantes foram avaliados em diferentes dimensões com recurso ao Inventário de Violência nas Relações Íntimas (IVC, Machado, Matos & Gonçalves, 2000).

De uma forma geral, os resultados obtidos sugerem maior perpetração de VPI no género masculino, nomeadamente ao nível da violência de carácter físico, emocional, económico e sexual. Por outro lado, em termos de vitimização, os resultados indicam que as mulheres são frequentemente mais propensas a sofrerem comportamentos de violência física, não se verificando diferenças significativas ao nível das outras categorias de comportamentos abusivos. Dos resultados encontrados, destaca-se uma preponderância da violência emocional em ambos os géneros com umas ligeiras diferenças ao nível da sua manifestação.

A interpretação dos resultados bem como as suas implicações são discutidos à luz de literatura relevante.

## Keywords

Intimate partner violence, prison context, gender differences.

## Abstract

The present study aims to contribute to understand the Violence in Relationships of Intimacy in Prison Context. It plans to evaluate the prevalence of Violence by Intimate Partners of prisoners in females and males, both in current relationships and in past, and seeks to verify if there are significant differences in the expression of physical, emotional, sexual and economic violence. Another objective of this analysis is the identification of the type of violent behavior more often perpetrated and received in intimate current relationships in females and in males.

The sample is composed of 140 inmates of the Prison of Santa Cruz do Bispo, with ages between 22 and 64 years old, of which 70 are male and 70 female. The participants were evaluated in different dimensions using the Inventory of Violence in Intimate Relationships (IVC, Machado, Matos & Goncalves, 2000).

The obtained results suggest a greater Violence by Intimate Partner perpetuation in males, particularly physical, emotional, economic and sexual violence. On the other hand, in terms of victimization, the results indicate that women are often more prone to suffer physical violence, there are not significant differences in the level of other categories of abusive behavior. The results found there is a preponderance of emotional violence in both genders with some slight differences in its expression.

The interpretation of the results and their implications are discussed in the light of the relevant literature.

## ÍNDICE

|  |    |
|--|----|
| I. Introdução.....   | 1  |
| Fundamentos teóricos e modelos explicativos sobre a violência na prisão..... | 3  |
| Objetivos.....   | 5  |
| II. Método.....  | 5  |
| Participantes.....   | 5  |
| Instrumentos.....  | 6  |
| Procedimentos.....   | 7  |
| Análise dos dados .....  | 8  |
| III. Resultados.....   | 8  |
| IV. Discussão.....   | 21 |
| V. Referências bibliográficas.....   | 24 |
| Anexos   |    |

## I. Introdução

A violência entre pessoas que têm entre si laços íntimos começou a ser alvo de estudo na década de 60 e tem sido objeto de profunda e crescente atenção social e científica (Caridade & Machado, 2006; Gelles, 1997). Em Portugal, as investigações relacionadas com a Violência na Intimidade começaram a aparecer na década de 90. É um fenómeno antigo e que tem sido prática comum ao longo das gerações pelas diversas formas que assume (*e.g.*, física, psicológica, sexual, e financeira) (Heritage, Carlton & West, 1996; Koss, 1988; Straus & Sweet, 1992; Sugarman & Hotaling, 1989).

Dados recolhidos através de um estudo realizado nos EUA sobre a prevalência da violência entre parceiros conjugal, sugerem que mulheres casadas são mais propensas do que homens casados a serem vítimas de quase todos os tipos de Violência por Parceiro Íntimo (VPI), nomeadamente estupro, agressão física e perseguição (Tjaden & Thoennes, 2000).

Um outro estudo acerca da violência psicológica no relacionamento íntimo realizado junto de estudantes universitários portugueses de ambos os sexos (N= 318) revelou que um elevado número de indivíduos perpetrar abusos emocionais (53,8%) ou é vítima (50,8%) deste tipo de abuso, sendo que 17,2% correspondem a experiências severas de injúria ou humilhação ao companheiro (Paiva & Figueiredo, 2004).

Fazendo uma análise retrospectiva, verifica-se que os estudos sobre a Violência nas Relações de Intimidade debruçaram-se particularmente em amostras de casais em relação matrimonial e só mais recentemente dedicaram-se ao estudo da violência no contexto de namoro e das relações ocasionais. É um facto que ocorre frequentemente, desconstruindo a ideia que é um fenómeno raro e que acontece só quando as pessoas estão casadas.

Investigadores apontam alguns fatores que em parte contribuíam para que o problema da Violência nas Relações de Intimidade permanecesse inexplorado, tais como as dificuldades associadas à polissemia do termo violência e à operacionalização desse conceito, e a dificuldade de acesso dos investigadores à população juvenil (*e.g.*, necessidade de autorização dos pais) comprometendo deste modo a produção científica neste âmbito (Caridade & Machado, 2006; Hickman, Jaycox & Aronoff, 2004). De acordo com Machado (2010), as constantes transformações das conceções de violência ocorrem devido ao aumento da complexidade das relações humanas. Trata-se de um fenómeno em



que o conceito de comportamentos aceitáveis e não-aceitáveis é influenciado pela cultura, assim sendo, pode manifestar-se de forma subtil como a violência emocional ou com forte evidência recorrendo à agressividade física (Ventura, Ferreira & Magalhães, 2013).

Segundo a Organização Mundial de Saúde (2002), a violência consiste numa ameaça ou uso intencional de força física ou poder e que implica risco de lesão, dano psicológico ou morte. Eventualmente foi adotada uma definição de VPI amplamente utilizada, uma vez que providencia uma abordagem conceitual. Como tal, vários cientistas descrevem a VPI como sendo um comportamento que se manifesta dentro de uma relação íntima e que causa dano físico, sexual ou psicológico, incluindo atos de agressão física, coerção sexual, abuso psicológico e comportamentos controladores (Heise & Garcia-Moreno, 2002; Jewkes, Sen & Garcia-Moreno, 2002). Tendo em consideração a evidência empírica, a VPI é a designação mais recente e holística e é definida por Matos (2006) como “o abuso de uma pessoa sobre a outra, numa relação específica de intimidade, podendo ocorrer em relações maritais e não maritais (...), atuais ou passadas, de carácter heterossexual ou homossexual” (p.27). É importante notar que a Violência nas Relações de Intimidade assume-se atualmente como um grave problema de saúde pública (Neves, 2005).

Os estudos conduzidos em Portugal sobre esta temática sugerem indicadores preocupantes. Em 2003, os dados da Associação Portuguesa de Apoio à Vítima (2004) reportam o abuso no relacionamento íntimo como o principal tipo de crime referido pelos utentes (18.587 casos), registando 29.3% do total de crime contabilizados ligados ao abuso físico e 28.1% ao abuso psicológico. Segundo os dados da Direção-Geral de Administração Interna (DGAi) tem-se registado um aumento no número de ocorrências de Violência Doméstica (VD) participadas às Forças de Segurança (FS), sendo que, em 2009, constituiu a primeira tipologia criminal no âmbito dos crimes contra as pessoas. Segundo a APAV, em 2011, a relação mais vezes assinalada entre vítima e autor do crime foi a de cônjuge (35,9%), seguida da de companheiro/a (13,9%). Mais recentemente, em 2012, os dados estatísticos recolhidos por esta organização relativamente a violência sexual demonstram que as relações de conjugalidade entre autor(a) do crime e vítima são as mais preponderantes, perfazendo 39,2% do universo de vítimas de violência sexual.

Tendo em consideração a análise dos diversos estudos epidemiológicos efetuados nesta área, comprova-se que a violência em contextos de intimidade é um fenómeno

complexo, heterogêneo (*i.e.*, pelo tipo de relações e formas de violência), multidimensional (*i.e.*, em termos de tipologia, severidade e frequência dos atos violentos) e transversal a toda a sociedade, independentemente da idade, etnia, sexo, orientação sexual, classe social ou localização geográfica (Caridade, 2011; Richard, Letchford & Stratton, 2008).

Apesar de ser um tema bastante atual e pertinente, a Violência nas Relações de Intimidade relacionada com a população presidiária tem sido pouco explorada, a literatura possibilita um panorama geral da problemática, pelo que estudos como este servem para adquirir um conhecimento mais alargado desta realidade.

### Fundamentos teóricos e modelos explicativos sobre a violência na prisão

Os estudos empíricos sobre a relação entre a violência e os diferentes contextos, apesar de não fornecerem respostas conclusivas, identificam algumas particularidades das sociedades e dos relacionamentos que auxiliam na explicação das diferenças na prevalência da VPI (Berkman, H., 2007; Reiss & Roth, 1993). Nesta perspetiva, a violência é mais presente nas zonas que possuem necessidades sociais, isto é quando há fratura nas relações de solidariedade social e em relação às normas sociais (Durkheim, 1978; Gane, 2006). Com efeito, certos atos violentos atingem preferencialmente certos segmentos da população, como é o caso dos indivíduos mais desprotegidos e com estatutos sociais e económicos desfavorecidos (Matos, 2002; Peterson, Krivo, & Harris, 2000). Nessa linha de pensamento, na opinião de vários investigadores as prisões por não serem ambientes normais causam trauma psicológico nos prisioneiros e consequentemente favorecem a violência (Farrington & Nuttal, 1980; Homel & Thomson, 2005; Wortley, 2002). Da mesma forma, tendo em consideração o estudo de Berkham (2007), a relação desta população específica com o meio pode tornar-se frágil e desprovida de afeto, podendo resultar em comportamentos de revolta e abuso físico. Por outro lado, devido às privações da liberdade, de bens e serviços, de relacionamentos e de autonomia, os estabelecimentos prisionais constituem fonte de sofrimento e stress para o recluso (Espinoza, 2004; Sykes, 1958).

Existem modelos explicativos sobre a violência no contexto prisional, os modelos de privação e importação. O modelo de privação defende que o processo de encarceramento leva o sujeito à privação da liberdade, com isolamento familiar, privação

de relacionamentos heterossexuais e homossexuais, privação de autonomia pessoal, com perda de status e privação de segurança pessoal (Agambem, 1998; Clemmer, 1940; Farrington & Nuttal, 1980; Sykes, 1958; Wortley, 2002). Em qualquer das situações, o recluso vê-se excluído da comunidade devido ao rompimento do vínculo social. Tendo em consideração este modelo, a privação está subjacente ao modo de manifestar comportamentos violentos.

No seguimento do modelo de privação surge a teoria da importação. Segundo Irwin (1970), o modelo de importação enfatiza que os presos se adaptam à vida na prisão tendo por base experiências de socialização pré-prisão em detrimento da carga institucional exercida sobre eles. Mais concretamente, esta teoria sugere que os reclusos importam para o contexto prisional valores, normas, crenças, atitudes e comportamentos desviantes internalizados em liberdade que funcionam como potencializadores de violência e consequente aumento da agressão.

Vários estudos científicos evidenciam como principais fatores da violência no contexto prisional a idade e o sexo do prisioneiro, a arquitetura prisional e o nível de segurança, as práticas de gestão e as influências ambientais (Berkham, 2007; Clemmer, 1940; Homel & Thomson, 2005; Sykes, 1958). De um modo geral, de acordo com a literatura, comprova-se que os privados de liberdade tornam-se alvos ou autores mais imediatos de violência por diversos motivos apresentados empiricamente. É importante notar que a interação violenta nas relações íntimas é fortemente influenciada pela violência presente na comunidade, uma vez que favorece a modelagem de comportamentos agressivos (Caridade, 2011; O' Keefe, 1998). Neste sentido, pode considerar-se que a prisão é um ambiente facilitador da violência pelos efeitos que produz nos reclusos, quer sejam homens, quer sejam mulheres.

Em suma, o fenómeno de VPI possui diversas especificidades (*e.g.*, ambiente doméstico, escolar, recreativo, prisional, etc.) e variáveis (*e.g.*, idade, género, nível de escolaridade, práticas religiosas, etc). É de salientar que a sua ocorrência no âmbito do contexto prisional é agravada pela condição de privação de liberdade, bem como pela relação íntima entre presidiário e respetivo parceiro num espaço privado sem vigilância, no qual existe a probabilidade de ocorrer maus-tratos à vítima. Segundo a Procuradoria Distrital de Lisboa (2014) há vítimas de violência doméstica que continuam a ir às prisões para visitas íntimas com os seus agressores que estão presos preventivamente ou a cumprir

pena efetiva. Nesta perspectiva, a escolha do tema é de grande importância, pois a VPI é um problema de saúde pública com cariz multifatorial que merece atenção de todos os segmentos sociais.

## Objetivos

A relevância desta investigação prende-se com a sua novidade, procurando abordar esta realidade pouco estudada, uma vez que os reclusos passam a ter relações íntimas com os seus respetivos parceiros de forma menos convencional. Assim, na sequência do interesse em adquirir um melhor conhecimento sobre esta temática, a presente investigação tem como objetivo geral avaliar a prevalência da Violência nas Relações de Intimidade dos reclusos no género feminino e no género masculino, quer nas relações atuais quer nas relações passadas.

A partir deste pressuposto geral, este estudo integra os seguintes objetivos específicos:

1. Verificar se existem diferenças significativas ao nível da manifestação da violência física, emocional, sexual e económica entre os presidiários do sexo feminino e masculino nas relações atuais e passadas;
2. Identificar o tipo de comportamento violento nas relações de intimidade atuais mais prevalente em termos de vitimização e perpretação, no género feminino e no género masculino.

## II. Método

### Participantes

Com o intuito de cumprir os objetivos definidos para o presente estudo, a estratégia de investigação assenta essencialmente na elaboração de uma análise quantitativa. Para o devido efeito, a amostra foi constituída no total por 140 reclusos do Estabelecimento Prisional de Santa Cruz do Bispo, 70 do sexo masculino (50,0%) e 70 do sexo feminino (50,0%) e que estavam atual ou anteriormente envolvidas num relacionamento íntimo com

um parceiro (a). Relativamente a idade, os participantes deste estudo distribuíram-se entre os 22 e 64 anos com uma média de 36,87 anos (DP =9,171).

Tabela 1  
*Características demográficas da amostra: Idade e sexo (N=140), testes T-Student para análise das diferenças.*

|       |          | <b>Masculino</b> |  | <b>Feminino</b> |           | <b>Total</b> |           |          |          |
|-------|----------|------------------|--|-----------------|-----------|--------------|-----------|----------|----------|
| Sexo  | <b>N</b> | 70               |  | <b>N</b>        | 70        | <b>N</b>     | 140       |          |          |
|       | <b>%</b> | 50               |  | <b>%</b>        | 50        | <b>%</b>     | 100       |          |          |
| Idade | <b>M</b> | <b>DP</b>        |  | <b>M</b>        | <b>DP</b> | <b>M</b>     | <b>DP</b> | <b>t</b> | <b>p</b> |
|       | 38,89    | 1,263            |  | 34,86           | 0,841     | 36,87        | 9,171     | 2,655    | 0,009    |

## Instrumentos

Os dados foram recolhidos através de um questionário de autopreenchimento, IVC-Inventário de Violência Conjugal (Matos, Machado & Gonçalves, 2000). O IVC é um instrumento construído e aferido para a população portuguesa que pretende determinar a prevalência dos comportamentos conjugais violentos (*e.g.*, maus tratos psicológicos, físicos, sexuais e abuso financeiro). É composto por duas partes, a primeira dedicada aos comportamentos ocorridos durante o último ano da relação afetiva atual, e a segunda dedicada as relações conjugais passadas. Cada parte é composta por 21 itens que aborda questões sobre as diversas formas de violência eventualmente dirigidas e/ou recebidas pelo parceiro dentro da relação afetiva. As hipóteses de resposta são impostas, sendo que os participantes apenas podem assinalar respostas em função de algumas opções que lhes são apresentadas. Mais concretamente, este instrumento é constituído por questões de resposta fechada em escala, uma vez que apresenta várias modalidades de resposta gradativas. No entanto, acontece que por ser um inventário comportamental não é possível efetuar uma cotação em escala. Nesta perspetiva, a análise é realizada em função da avaliação da frequência de comportamentos abusivos específicos que integram o IVC. Por exemplo, é possível estimar a taxa de prevalência dos atos de violência perpetrados e recebidos por parte de parceiros íntimos e detetar a frequência com que surgem, designadamente, nunca, uma vez e mais do que uma vez.

De acordo com os autores do IVC, a tipificação dos indivíduos como ofensores/não-ofensores e/ou vítimas/não-vítimas só é exequível se os participantes

responderem a todos os itens. Neste seguimento, são classificados como maltratantes os participantes que afirmam ter praticado pelo menos um dos comportamentos violentos apresentados no inventário. São considerados vítimas os sujeitos que admitem ter sofrido pelo menos uma vez comportamentos categorizados como abuso emocional ou físico. Os elementos que relatem não ter sofrido qualquer tipo de abuso e que respondem a todos os itens são classificados como não-vítima.

## Procedimentos

Em primeiro lugar, para a realização deste estudo foi necessário elaborar a estrutura do Projeto de Dissertação que foi precedida de um pedido de autorização à Direção Geral dos Serviços Prisionais no sentido de poder recolher dados da amostra. A recolha de dados decorreu de Março a Setembro de 2014, sendo que a confidencialidade e o anonimato foram assegurados de modo a não colocar em causa a identidade de qualquer participante.

O passo seguinte, após a resposta positiva por parte da Direção Geral dos Serviços Prisionais, foi seleccionar de entre a totalidade da população reclusa masculina e feminina institucionalizada no Estabelecimento Prisional de Santa Cruz do Bispo aquela que viria a compor a amostra de acordo com o critério previamente definido (*i.e.*, reclusos (as) que estavam atual ou anteriormente envolvidos num relacionamento íntimo). Assim, a amostra englobou 140 reclusos (70 do sexo feminino e 70 do sexo masculino). Inicialmente foi essencial realizar uma pesquisa documental através dos processos individuais referentes aos reclusos de modo a escolher quem iria constituir a amostra. Junto dos seleccionados realizou-se uma breve apresentação de ambas as partes e esclareceu-se o objetivo de estudo, sendo garantido aos participantes a confidencialidade e anonimato no uso dos dados recolhidos. Para o efeito, os participantes que concordaram em participar na investigação assinaram um termo de consentimento informado (cf. Anexo 1). Em seguida, os participantes tiveram de preencher o Inventário de Violência Conjugal com o objetivo de analisar quem já tinha experienciado situações de violência nas suas relações íntimas.

## Análise de dados

Para o tratamento estatístico dos dados quantitativos recolhidos através do IVC foi utilizado o *Statistical Package for the Social Sciences (SPSS)* para o Windows (versão 22.0), pelo que foram determinadas estatísticas descritivas (*i.e.*, médias, erro-padrão da média e desvios-padrões) e inferenciais (*i.e.*, *testes t-Student*).

Consideraram-se na análise dos resultados estatisticamente significativas as diferenças entre as médias cujo *p-value* do teste foi inferior ou igual a 0,05. Nas tabelas consideraram-se três níveis de significância. Quando o *p value* for inferior a 0,05 na tabela o resultado é salientado pelo carácter “\*” (significativo). Quando o *p value* <0.01 o resultado é salientado por “\*\*” (bastante significativo). Quando a variável for significativa a 1%, isto é o *p value* <0,001 o resultado do teste é salientado por “\*\*\*” (altamente significativo).

## III. Resultados

A finalidade deste capítulo é apresentar os resultados da investigação. Tendo em consideração os objetivos do estudo, apresentar-se-á os resultados das análises referentes a perpetração dos atos abusivos na qualidade de vítima e ofensor ao nível das diferentes categorias de manifestação de violência nas relações atuais e passadas, comparando o género feminino e o género masculino. Identificar-se-á ainda os tipos de comportamentos violentos mais prevalentes perpetrados e recebidos em ambos os géneros. Foram distinguidos quatro categorias de manifestações abusivas no IVC, nomeadamente, comportamentos abusivos de carácter emocional, comportamento abusivo de carácter económico, comportamentos abusivos de carácter físico e comportamento abusivo de carácter sexual.

A tabela 2 evidência a relação entre as questões colocadas sobre os tipos de comportamentos e as categorias de manifestações abusivas identificadas.

Tabela 2

*Dimensões da manifestação abusiva identificadas no I.V.C*

| Dimensões de manifestação abusiva | Questões sobre os tipos de comportamentos |
|-----------------------------------|---|
|-----------------------------------|---|

|   |  |
|---|--|
| Comportamentos abusivos de carácter emocional | <i>Insultar, difamar ou fazer afirmações graves para ferir</i>   |
|   | <i>Partir ou danificar coisas intencionalmente</i>   |
|   | <i>Acordar a meio da noite para causar medo</i>  |
|   | <i>Perseguir para causar medo</i>  |
| Comportamento abusivo de carácter económico   | <i>Ficar com o salário da outra pessoa ou não lhe dar o dinheiro necessário para as despesas do quotidiano</i> |
| Comportamentos abusivos de carácter físico    | <i>Puxar os cabelos com força</i>  |
|   | <i>Dar uma bofetada</i>  |
|   | <i>Apertar o pescoço</i>   |
|   | <i>Ameaçar com armas (e.g. faca, pistola, objetos cortantes) ou usando de força física</i>                     |
|   | <i>Dar um murro</i>  |
|   | <i>Atirar com objetos à outra pessoa</i>   |
|   | <i>Dar uma sova</i>  |
|   | <i>Dar pontapés ou cabeçadas</i>   |
|   | <i>Dar empurrões violentos</i>   |
|   | <i>Bater com a cabeça contra a parede ou contra o chão</i>   |
| Comportamento abusivo de carácter sexual      | <i>Causar ferimentos que não necessitam de assistência médica</i>  |
|   | <i>Causar ferimentos que necessitam de assistência médica</i>  |
|   | <i>Forçar outra pessoa a manter atos sexuais contra a sua vontade</i>  |

As Tabelas seguintes ilustram os resultados das análises da diferença entre os valores médios atribuídos à prática de atos abusivos de carácter emocional, económico, físico e sexual na perspetiva de ofensores e vítimas, comparando-se o género masculino (grupo 1) e género feminino (grupo 2) nas relações atuais e passadas através do *teste t Student* para amostras independentes (SPSS 22.0 - *Statistical Package for the Social Sciences*). Os resultados nas tabelas são apresentados como média (M)  $\pm$  erro-padrão da média (SEM) e Desvio Padrão (DP).



Tabela 3

*Prevalência dos comportamentos abusivos de carácter emocional na relação atual enquanto ofensor no género masculino e feminino, testes T-Student para análise das diferenças*

|  | Relação Atual – Ofensor |      |      |          |      |      | t     | p      |
|--|-------------------------|------|------|----------|------|------|-------|--------|
|  | Masculino               |      |      | Feminino |      |      |       |        |
|  | M                       | DP   | SEM  | M        | DP   | SEM  |       |        |
| <i>Insultar, difamar ou fazer afirmações graves para ferir</i> | 1,35                    | .652 | .082 | 1,32     | .643 | .081 | .275  | .701   |
| <i>Partir ou danificar coisas intencionalmente</i>             | 1,21                    | .481 | .061 | 1,16     | .511 | .064 | .569  | .399   |
| <i>Acordar a meio da noite para causar medo</i>                | 1,11                    | .444 | .056 | 1,02     | .125 | .016 | 1,655 | .001** |
| <i>Perseguir para causar medo</i>                              | 1,16                    | .447 | .056 | 1,05     | .282 | .036 | 1,646 | .001** |
| <i>Impedir o contato com outras pessoas</i>                    | 1,23                    | .576 | .071 | 1,13     | .458 | .058 | 1,091 | .037*  |

Nos resultados verifica-se que não existem diferenças significativas quanto aos comportamentos “*Insultar, difamar ou fazer afirmações graves para ferir*” e “*Partir ou danificar coisas intencionalmente*” entre homens e mulheres nas relações atuais como ofensores. Para os comportamentos de “*Acordar a meio da noite para causar medo*”, “*Perseguir para causar medo*” e “*Impedir o contato com outras pessoas*” verificam-se diferenças estatisticamente significativas. Os homens estão em média (M=1,11; SEM=0,44; D=0,056) mais predispostos a acordar a meio da noite para causar medo do que as mulheres (M=1,02; SEM=0,125; DP=0,016). De acordo com o teste *t* de Student as diferenças observadas são estatisticamente significativas ( $t=1,655$ ;  $p=0,001$ ). Verifica-se também que quanto ao comportamento de “*Perseguir para causar medo*”, os homens (M=1,16; SEM=0,447; DP=0,056) manifestam mais que as mulheres (M=1,05; SEM=0,282; DP=0,036) em média este tipo de comportamento abusivo ( $t=1,646$ ;  $p=0,001$ ). O mesmo se verifica em relação ao comportamento de “*Impedir o contato com outras pessoas*”. Os homens (M=1,23; SEM=0,576; DP=0,071) têm tendencialmente em média mais predisposição para impedir o contacto com outras pessoas relativamente às mulheres (M=1,13; SE=0,458; DP=0,058). De acordo com a análise realizada, estas diferenças são estatisticamente significativas ( $t=1,091$ ;  $p=0,037$ ).

Relativamente ao tipo de comportamento de carácter emocional mais prevalente nas relações atuais enquanto ofensor, destaca-se a ação de “*Insultar, difamar ou fazer afirmações graves para ferir*” com uma média de 1,35 nos homens (DP=0,652) e 1,32 nas mulheres (DP=0,643).

Tabela 4

*Prevalência dos comportamentos abusivos de carácter emocional na relação anterior enquanto ofensor no género masculino e feminino, testes T-Student para análise das diferenças*

|  | Relação Anterior- Ofensor |      |      |          |      |      | t     | p       |
|--|---------------------------|------|------|----------|------|------|-------|---------|
|  | Masculino                 |      |      | Feminino |      |      |       |         |
|  | M                         | DP   | SEM  | M        | DP   | SEM  |       |         |
| <i>Insultar, difamar ou fazer afirmações graves para ferir</i> | 1,16                      | .412 | .050 | 1,42     | .748 | .093 | 2,400 | .000*** |
| <i>Partir ou danificar coisas intencionalmente</i>             | 1,17                      | .483 | .059 | 1,13     | .421 | .053 | .496  | .331    |
| <i>Acordar a meio da noite para causar medo</i>                | 1,03                      | .173 | .021 | 1,00     | .000 | .000 | 1,381 | .005**  |
| <i>Perseguir para causar medo</i>                              | 1,23                      | .576 | .071 | 1,13     | .458 | .058 | 1,420 | .004**  |
| <i>Impedir o contato com outras pessoas</i>                    | 1,20                      | .561 | .069 | 1,08     | .329 | .042 | 1,091 | .037*   |

Pela análise dos resultados verificam-se diferenças estatisticamente significativas quanto aos comportamentos “*Insultar, difamar ou fazer afirmações graves para ferir*”, “*Acordar a meio da noite para causar medo*”, “*Perseguir para causar medo*” e “*Impedir o contato com outras pessoas*” entre homens e mulheres nas relações passadas como ofensores. As mulheres estão em média ( $M=1,42$ ;  $SEM=0,093$ ;  $D=0,748$ ) mais predispostas a insultar, difamar ou fazer afirmações graves para ferir nas relações passadas comparativamente com os ofensores do sexo masculino ( $M=1,16$ ;  $SEM=0,050$ ;  $DP=0,412$ ). De acordo com o teste *t* de Student as diferenças observadas são estatisticamente significativas ( $t= 2,400$ ;  $p=0,000$ ).

Por outro lado verifica-se que os homens quanto ao comportamento de “*Acordar a meio da noite para causar medo*” ( $M=1,03$ ;  $SEM=0,021$ ;  $DP=0,173$ ), “*Perseguir para causar medo*” ( $M=1,23$ ;  $SEM=0,071$ ;  $DP=0,576$ ) e “*Impedir o contato com outras pessoas*” ( $M=1,20$ ;  $SEM=0,069$ ;  $DP=0,561$ ) manifestam-se mais frequentemente como ofensores relativamente às mulheres ( $M=1,00$ ;  $SEM=0,000$ ;  $DP=0,000$ ); ( $M=1,13$ ;  $SEM=0,058$ ;  $DP=0,458$ ); ( $M=1,08$   $SEM=0,042$ ;  $DP=0,329$ ) respetivamente.

Quanto a “*Partir ou danificar coisas intencionalmente*” não se verificam diferenças estatisticamente significativas ( $t= 0,496$ ;  $p= 0,331$ ).

Tabela 5

Prevalência dos comportamentos abusivos de carácter emocional na relação atual enquanto vítima no género masculino e feminino, testes T-Student para análise das diferenças

|  | Relação atual- Vítima |      |      |          |      |      | t    | P    |
|--|-----------------------|------|------|----------|------|------|------|------|
|  | Masculino             |      |      | Feminino |      |      |      |      |
|  | M                     | DP   | SEM  | M        | DP   | SEM  |      |      |
| <i>Insultar, difamar ou fazer afirmações graves para ferir</i> | 1,10                  | .436 | .056 | 1,18     | .539 | .071 | .364 | .897 |
| <i>Partir ou danificar coisas intencionalmente</i>             | 1,33                  | .681 | .088 | 1,35     | .732 | .095 | .097 | .889 |
| <i>Acordar a meio da noite para causar medo</i>                | 1,47                  | .762 | .097 | 1,42     | .787 | .102 | .857 | .099 |
| <i>Perseguir para causar medo</i>                              | 1,29                  | .663 | .084 | 1,28     | .662 | .085 | .129 | .646 |
| <i>Impedir o contato com outras pessoas</i>                    | 1,17                  | .493 | .062 | 1,17     | .526 | .068 | .086 | .947 |

Da análise dos resultados verificam-se que não existem diferenças estatisticamente significativas em nenhum dos comportamentos abusivos de carácter emocional entre homens e mulheres no que respeita à situação de vítima na relação atual. Em todos os tipos de comportamento analisado neste contexto, os *p values* são > 0,05.

O tipo de comportamento de carácter emocional mais prevalente nas relações atuais enquanto vítima consiste em “*Acordar a meio da noite para causar medo*” com uma média de 1,47 nos homens (DP=0,762) e 1,42 nas mulheres (DP=0,787).

Tabela 6

Prevalência dos comportamentos abusivos de carácter emocional na relação anterior enquanto vítima no género masculino e feminino, testes T-Student para análise das diferenças

|  | Relação Passada- vítima |      |      |          |      |      | t     | P       |
|--|-------------------------|------|------|----------|------|------|-------|---------|
|  | Masculino               |      |      | Feminino |      |      |       |         |
|  | M                       | DP   | SEM  | M        | DP   | SEM  |       |         |
| <i>Insultar, difamar ou fazer afirmações graves para ferir</i> | 1,48                    | .773 | .096 | 1,86     | .950 | .118 | 2,532 | .000*** |
| <i>Partir ou danificar coisas intencionalmente</i>             | 1,45                    | .771 | .096 | 1,59     | .868 | .108 | 1,022 | .055    |
| <i>Acordar a meio da noite para causar medo</i>                | 1,12                    | .375 | .047 | 1,34     | .723 | .092 | 2,123 | .000*** |
| <i>Perseguir para causar medo</i>                              | 1,48                    | .831 | .103 | 1,65     | .919 | .116 | 1,124 | .040*   |
| <i>Impedir o contato com outras pessoas</i>                    | 1,34                    | .668 | .083 | 1,59     | .886 | .111 | 1,850 | .000*** |

Pela análise dos resultados verificam-se diferenças estatisticamente significativas quanto aos comportamentos “*Insultar, difamar ou fazer afirmações graves para ferir*”, “*Acordar a meio da noite para causar medo*”, “*Perseguir para causar medo*” e “*Impedir o contato com outras pessoas*” entre homens e mulheres nas relações passadas na perspetiva

de vítima. As mulheres estiveram em média mais predispostas a serem vítimas de comportamentos de “*Insultar, difamar ou fazer afirmações graves para ferir*”, (M=1,86;SEM=0,118;DP=0,950), “*Acordar a meio da noite para causar medo*” (M=1,03;SEM=0,021;DP=0,173), “*Perseguir para causar medo*” (M=1,34;SEM=0,092;DP=0,723), “*Impedir o contato com outras pessoas*” (M=1,59;SEM=0,111;DP=0,886) do que os homens (M=1,48;SEM=,096;DP=,773), (M=1,12;SEM=0,047;DP=0,375),(M=1,48;SEM=0,103;DP=0,831),(M=1,34;SEM=0,083;DP=0,668) respetivamente. Quanto a “*Partir ou danificar coisas intencionalmente*” não se verificam diferenças estatisticamente significativas (t= 1,022; p= 0,055).

Contudo o P value é muito próximo de 0,05 pelo que mais testes ou uma maior amostra seriam necessários para certificar a diferença ou não relativamente a este tipo de comportamento.

Tabela 7

*Prevalência dos comportamentos abusivos de carácter económico na relação atual enquanto ofensor no género masculino e feminino, testes T-Student para análise das diferenças.*

|  | Relação atual- Ofensor |      |      |          |      |      | t     | P     |
|--|------------------------|------|------|----------|------|------|-------|-------|
|  | Masculino              |      |      | Feminino |      |      |       |       |
|  | M                      | DP   | SEM  | M        | DP   | SEM  |       |       |
| <i>Ficar com o salário da outra pessoa ou não lhe dar o dinheiro necessário para as despesas do quotidiano</i> | 1,11                   | .406 | .051 | 1,05     | .276 | .034 | 1,062 | .036* |

De acordo com os resultados verificam-se que existem diferenças estatisticamente significativas no comportamento abusivos de carácter económico entre homens e mulheres no que respeita à situação de ofensores nas relações atuais (t=1,062; p=0,036). Tendo em conta os dados deste estudo, em média os homens (M=1,11;SEM=0,051;DP=0,406) têm tendencialmente mais predisposição a “*Ficar com o salário da outra pessoa ou não lhe dar o dinheiro necessário para as despesas do quotidiano*” do que as mulheres (M=1,05;SEM=0,034;DP=0,276).

Dentro dos comportamentos de carácter económico apenas uma variável foi identificada, não sendo possível distinguir dentro desta dimensão qual o tipo de comportamento económico mais prevalecente na qualidade de ofensor. Neste sentido, para fins de análises estatísticas, considerar-se-á que “*Ficar com o salário da outra pessoa ou não lhe dar o dinheiro necessário para as despesas do quotidiano*” tem uma prevalência média de 1,11 nos homens (DP= 0,406) e 1,05 nas mulheres (DD= 0,276).

Tabela 8

*Prevalência dos comportamentos abusivos de carácter económico na relação passada enquanto ofensor no género masculino e feminino, testes T-Student para análise das diferenças*

|  | Relação Passada- Ofensor |      |      |          |      |      | t    | P    |
|--|--------------------------|------|------|----------|------|------|------|------|
|  | Masculino                |      |      | Feminino |      |      |      |      |
|  | M                        | DP   | SEM  | M        | DP   | SEM  |      |      |
| <i>Ficar com o salário da outra pessoa ou não lhe dar o dinheiro necessário para as despesas do quotidiano</i> | 1,11                     | .441 | .055 | 1,08     | .326 | .041 | .436 | .357 |

Relativamente às relações passadas não se verificam diferenças estatisticamente significativas no comportamento abusivo de carácter económico entre homens e mulheres. O *p value* é  $> 0,05$ .

Tabela 9

*Prevalência dos comportamentos abusivos de carácter económico na relação atual enquanto vítima no género masculino e feminino, testes T-Student para análise das diferenças.*

|  | Relação atual- vítima |      |      |          |      |      | t    | P    |
|--|-----------------------|------|------|----------|------|------|------|------|
|  | Masculino             |      |      | Feminino |      |      |      |      |
|  | M                     | DP   | SEM  | M        | DP   | SEM  |      |      |
|  |                       |      |      |          |      |      |      |      |
| <i>Ficar com o salário da outra pessoa ou não<br/>lhe dar o dinheiro necessário para as<br/>despesas do quotidiano</i> | 1,15                  | .515 | .066 | 1,24     | .630 | .083 | .864 | .092 |

Quanto à perspetiva de vítima nas relações atuais também não se verificam diferenças estatisticamente significativas no comportamento abusivo de carácter económico entre homens e mulheres. O *p value* é  $> 0,05$ . “Ficar com o salário da outra pessoa ou não lhe dar o dinheiro necessário para as despesas do quotidiano” tem uma prevalência média de 1,15 nos homens (DP= 0,406) e 1,24 nas mulheres (DD= 0,276).

Tabela 10

*Prevalência dos comportamentos abusivos de carácter económico na relação anterior enquanto vítima no género masculino e feminino, testes T-Student para análise das diferenças.*

|  | Relação Passada- vítima |      |      |          |      |      | t     | P       |
|--|-------------------------|------|------|----------|------|------|-------|---------|
|  | Masculino               |      |      | Feminino |      |      |       |         |
|  | M                       | DP   | SEM  | M        | DP   | SEM  |       |         |
| <i>Ficar com o salário da outra pessoa ou não<br/>lhe dar o dinheiro necessário para as<br/>despesas do quotidiano</i> | 1,26                    | .644 | .080 | 1,59     | .873 | .110 | 2,407 | .000*** |

No que respeita à perspetiva de vítima nas relações anteriores verificam-se que existem diferenças estatisticamente significativas no comportamento abusivo de carácter económico entre homens e mulheres. ( $t=2,407$ ;  $p<0,001$ ). Nas relações anteriores e de acordo com os dados obtidos nesta investigação à uma tendência para que as mulheres ( $M=1,59$ ;  $SEM=0,110$ ;  $DP=0,873$ ) sejam mais frequentemente vítimas de comportamentos como “Ficar com o salário da outra pessoa ou não lhe dar o dinheiro necessário para as despesas do quotidiano” do que os homens ( $M=1,26$ ;  $SEM=0,080$ ;  $DP=0,644$ ).

Tabela 11

*Prevalência dos comportamentos abusivos de carácter físico na relação atual enquanto ofensor no género masculino e feminino, testes T-Student para análise das diferenças.*

|   | Relação atual – ofensor |      |      |          |      |      | t     | P       |
|---|-------------------------|------|------|----------|------|------|-------|---------|
|   | Masculino               |      |      | Feminino |      |      |       |         |
|   | M                       | DP   | SEM  | M        | DP   | SEM  |       |         |
| <i>Ameaçar com armas</i>  | 1,16                    | .482 | .061 | 1,09     | .341 | .042 | .902  | .069    |
| <i>Apertar o pescoço</i>  | 1,13                    | .421 | .053 | 1,06     | .304 | .038 | .970  | .056    |
| <i>Atirar objeto á outra pessoa</i>                             | 1,11                    | .406 | .051 | 1,22     | .545 | .068 | 1,225 | .018*   |
| <i>Bater com a cabeça contra a parede ou contra o chão</i>      | 1,08                    | .373 | .047 | 1,02     | .127 | .016 | 1,266 | .010*   |
| <i>Causar ferimentos que não precisam de assistência médica</i> | 1,08                    | .375 | .048 | 1,03     | .175 | .022 | .951  | .053    |
| <i>Causar ferimentos que necessitaram de assistência médica</i> | 1,05                    | .282 | .036 | 1,00     | .000 | .000 | 1,383 | .005**  |
| <i>Dar empurrões violentos</i>                                  | 1,16                    | .482 | .061 | 1,19     | .535 | .067 | .350  | .484    |
| <i>Dar pontapés ou cabeçadas</i>                                | 1,11                    | .444 | .056 | 1,08     | .319 | .039 | .521  | .276    |
| <i>Dar um murro</i>   | 1,13                    | .458 | .058 | 1,06     | .307 | .039 | .895  | .072    |
| <i>Dar uma bofetada</i>   | 1,24                    | .530 | .067 | 1,28     | .576 | .072 | .439  | .406    |
| <i>Dar uma sova</i>   | 1,14                    | .503 | .063 | 1,00     | .000 | .000 | 2,288 | .000*** |
| <i>Puxar os cabelos com força</i>                               | 1,19                    | .564 | .071 | 1,17     | .493 | .062 | .168  | .651    |

Na observação dos resultados verificam-se diferenças estatisticamente significativas em quatro tipos de comportamentos abusivos de caráter físico entre homens e mulheres como ofensores nas relações atuais. Relativamente a comportamentos como “Bater com a cabeça contra a parede ou contra o chão”, “Causar ferimentos que necessitaram de assistência médica” e “Dar uma sova”, os homens são frequentemente mais ofensores que as mulheres. Quanto a comportamentos como “Atirar objeto á outra pessoa” as mulheres são mais ofensoras neste contexto de relacionamento.

“Dar uma bofetada” é o comportamento abusivo de carácter físico mais prevalente na perspectiva de ofensor e tem uma média de 1,28 nas mulheres (DP=0,530) e 1,24 nos homens (DP=0,576).

Tabela 12

*Prevalência dos comportamentos abusivos de carácter físico na relação anterior enquanto ofensor no género masculino e feminino, testes T-Student para análise das diferenças.*

|   | Relação anterior – ofensor |      |      |          |      |      | t     | P      |
|---|----------------------------|------|------|----------|------|------|-------|--------|
|   | Masculino                  |      |      | Feminino |      |      |       |        |
|   | M                          | DP   | SEM  | M        | DP   | SEM  |       |        |
| <i>Ameaçar com armas</i>  | 1,15                       | .504 | .062 | 1,10     | .390 | .049 | .707  | .155   |
| <i>Apertar o pescoço</i>  | 1,08                       | .364 | .045 | 1,03     | .178 | .023 | .850  | .083   |
| <i>Atirar objeto á outra pessoa</i>                             | 1,11                       | .356 | .044 | 1,03     | .178 | .023 | 1,467 | .003** |
| <i>Bater com a cabeça contra a parede ou contra o chão</i>      | 1,02                       | .125 | .016 | 1,00     | .000 | .000 | .984  | .048*  |
| <i>Causar ferimentos que não precisam de assistência médica</i> | 1,09                       | .387 | .048 | 1,03     | .252 | .032 | 1,068 | .035*  |
| <i>Causar ferimentos que necessitaram de assistência médica</i> | 1,20                       | .533 | .066 | 1,24     | .592 | .075 | .452  | .376   |
| <i>Dar empurrões violentos</i>                                  | 1,09                       | .381 | .047 | 1,08     | .375 | .048 | .153  | .775   |
| <i>Dar pontapés ou cabeçadas</i>                                | 1,15                       | .533 | .066 | 1,11     | .364 | .046 | .500  | .248   |
| <i>Dar um murro</i>   | 1,15                       | .472 | .058 | 1,31     | .639 | .080 | 1,637 | .002** |
| <i>Dar uma bofetada</i>   | 1,11                       | .397 | .049 | 1,06     | .356 | .045 | .621  | .238   |
| <i>Dar uma sova</i>   | 1,21                       | .569 | .070 | 1,15     | .511 | .065 | .671  | .216   |
| <i>Puxar os cabelos com força</i>                               | 1,15                       | .504 | .062 | 1,10     | .390 | .049 | .707  | .155   |

Pelos resultados obtidos, verificam-se diferenças estatisticamente significativas em quatro tipos de comportamentos abusivos de caráter físico entre homens e mulheres como ofensores nas relações anteriores. Nos comportamentos como “*Atirar objeto á outra pessoa*” a posição inverte-se e os homens foram tendencialmente mais ofensores em relações passadas. No que se refere a comportamentos como “*Bater com a cabeça contra a parede ou contra o chão*” e “*Causar ferimentos que necessitaram de assistência médica*” os homens são frequentemente mais ofensores que as mulheres. Quanto a comportamentos como “*Dar murros*” as mulheres são mais ofensoras no contexto de relacionamentos anteriores.

Tabela 13  
Prevalência dos comportamentos abusivos de carácter físico na relação atual enquanto vítima no género masculino e feminino, testes T-Student para análise das diferenças

|   | Relação atual vítima |      |      |          |      |      | t     | P      |
|---|----------------------|------|------|----------|------|------|-------|--------|
|   | Masculino            |      |      | Feminino |      |      |       |        |
|   | M                    | DP   | SEM  | M        | DP   | SEM  |       |        |
| <i>Ameaçar com armas</i>  | 1,15                 | .507 | .064 | 1,22     | .555 | .072 | .743  | .186   |
| <i>Apertar o pescoço</i>  | 1,11                 | .406 | .051 | 1,21     | .590 | .078 | 1,084 | .028*  |
| <i>Atirar objeto á outra pessoa</i>                             | 1,26                 | .630 | .081 | 1,36     | .737 | .096 | .749  | .126   |
| <i>Bater com a cabeça contra a parede ou contra o chão</i>      | 1,05                 | .292 | .038 | 1,16     | .523 | .069 | 1,315 | .008** |
| <i>Causar ferimentos que não precisam de assistência médica</i> | 1,08                 | .381 | .049 | 1,11     | .451 | .058 | .414  | .408   |
| <i>Causar ferimentos que necessitaram de assistência médica</i> | 1,03                 | .258 | .033 | 1,10     | .447 | .059 | 1,048 | .035*  |
| <i>Dar empurrões violentos</i>                                  | 1,15                 | .477 | .061 | 1,39     | .720 | .094 | 2,180 | .000** |
| <i>Dar pontapés ou cabeçadas</i>                                | 1,13                 | .421 | .053 | 1,20     | .558 | .075 | .808  | .101   |
| <i>Dar um murro</i>   | 1,13                 | .461 | .059 | 1,19     | .560 | .070 | .639  | .201   |
| <i>Dar uma bofetada</i>   | 1,21                 | .517 | .066 | 1,33     | .711 | .093 | 1,045 | .022*  |
| <i>Dar uma sova</i>   | 1,15                 | .477 | .061 | 1,22     | .622 | .082 | .755  | .113   |
| <i>Puxar os cabelos com força</i>                               | 1,11                 | .451 | .058 | 1,30     | .680 | .090 | 1,737 | .001** |



Em todos as variáveis com um nível de significância  $p < 0,05$ , isto é, onde existem diferenças estatisticamente significativas entre géneros, as mulheres são tendencialmente vítimas. Em todas as variáveis descritas no parágrafo acima, os valores médios das mulheres são superiores ao dos homens, isto é, as mulheres são tendencialmente mais vítimas que os homens nas variáveis com significância estatística.

“*Atirar objeto á outra pessoa*” é o comportamento de carácter físico na perspectiva de vítima mais prevalecente nos homens com uma média de 1,26 (DP=0,630). Por outro lado, “*Dar empurrões violentos*” é o comportamento mais prevalecente nas mulheres com uma média de 1,39 (DP=0,720).

Tabela 14

*Prevalência dos comportamentos abusivos de carácter físico na relação anterior enquanto vítima no género masculino e feminino, testes T-Student para análise das diferenças.*

|   | Relação Passada- vítima |      |      |          |      |      | t     | p       |
|---|-------------------------|------|------|----------|------|------|-------|---------|
|   | Masculino               |      |      | Feminino |      |      |       |         |
|   | M                       | DP   | SEM  | M        | DP   | SEM  |       |         |
| <i>Ameaçar com armas</i>  | 1,29                    | .605 | .075 | 1,59     | .849 | .106 | 2,324 | .000*** |
| <i>Apertar o pescoço</i>  | 1,14                    | .470 | .059 | 1,45     | .795 | .099 | 2,670 | .000*** |
| <i>Atirar objeto á outra pessoa</i>                             | 1,15                    | .475 | .059 | 1,55     | .872 | .109 | 3,186 | .000*** |
| <i>Bater com a cabeça contra a parede ou contra o chão</i>      | 1,11                    | .444 | .056 | 1,56     | .833 | .104 | 3,801 | .000*** |
| <i>Causar ferimentos que não precisam de assistência médica</i> | 1,19                    | .503 | .063 | 1,38     | .701 | .088 | 1,701 | .001**  |
| <i>Causar ferimentos que necessitaram de assistência médica</i> | 1,29                    | .605 | .075 | 1,77     | .921 | .115 | 3,453 | .000*** |
| <i>Dar empurrões violentos</i>                                  | 1,22                    | .545 | .068 | 1,63     | .900 | .112 | 3,133 | .000*** |
| <i>Dar pontapés ou cabeçadas</i>                                | 1,06                    | .348 | .043 | 1,68     | .880 | .115 | 5,219 | .000*** |

|                                   |      |      |      |      |      |      |       |         |
|-----------------------------------|------|------|------|------|------|------|-------|---------|
| <i>Dar um murro</i>               | 1,31 | .610 | .076 | 1,77 | .897 | .111 | 3,429 | .000*** |
| <i>Dar uma bofetada</i>           | 1,08 | .322 | .040 | 1,63 | .882 | .110 | 4,703 | .000*** |
| <i>Dar uma sova</i>               | 1,08 | .319 | .039 | 1,59 | .904 | .113 | 4,384 | .000*** |
| <i>Puxar os cabelos com força</i> | 1,29 | .605 | .075 | 1,59 | .849 | .106 | 2,324 | .000*** |

Pela análise dos resultados verificam-se diferenças estatisticamente significativas entre homens e mulheres em todas as variáveis referentes à categoria de comportamentos abusivos de carácter físico no contexto de vítima em relacionamentos anteriores. Em todas as variáveis descritas, os valores médios das mulheres são superiores ao dos homens pelo que os indivíduos do sexo feminino sofrem tendencialmente mais agressões físicas.

Tabela 15

*Prevalência dos comportamentos abusivos de carácter sexual na relação atual enquanto ofensor no género masculino e feminino, testes T-Student para análise das diferenças.*

|   | Relação atual- Ofensor |      |      |          |      |      | t     | P       |
|---|------------------------|------|------|----------|------|------|-------|---------|
|   | Masculino              |      |      | Feminino |      |      |       |         |
|   | M                      | DP   | SEM  | M        | DP   | SEM  |       |         |
| <i>Forçar outra pessoa a manter atos sexuais contra a sua vontade</i> | 1,17                   | .525 | .066 | 1,00     | .000 | .000 | 2,662 | .000*** |

Pela análise dos resultados verificam-se diferenças estatisticamente significativas no comportamento abusivos de carácter sexual entre homens e mulheres na situação de ofensores nas relações atuais ( $t=2,662$ ;  $p<0,001$ ).

De acordo com os dados, em média os homens ( $M=1,17$ ;  $SEM=0,0525$ ;  $DP=0,066$ ) têm mais propensão a “*Forçar outra pessoa a manter atos sexuais contra a sua vontade*” do que as mulheres ( $M=1,00$ ;  $SEM=0,000$ ;  $DP=0,000$ )

Tabela 16

*Prevalência dos comportamentos abusivos de carácter sexual na relação passada enquanto ofensor no género masculino e feminino, testes T-Student para análise das diferenças.*

|  | Relação Passada- Ofensor |      |      |          |      |      | t     | p       |
|--|--------------------------|------|------|----------|------|------|-------|---------|
|  | Masculino                |      |      | Feminino |      |      |       |         |
|  | M                        | DP   | SEM  | M        | DP   | SEM  |       |         |
| Forçar outra pessoa a manter atos sexuais contra a sua vontade | 1,22                     | .599 | .074 | 1,00     | .000 | .000 | 2,852 | .000*** |

Pela observação dos resultados verifica-se que existem diferenças estatisticamente significativas no comportamento abusivos de carácter sexual entre homens e mulheres na situação de ofensores nas relações anteriores ( $t=2,852$ ;  $p<0,001$ ). Em média os homens ( $M=1,22$ ;  $SEM=0,074$ ;  $DP=0,599$ ) têm mais tendência a “*Forçar outra pessoa a manter atos sexuais contra a sua vontade*” do que as mulheres ( $M=1,00$ ;  $SEM=0,000$ ;  $DP=0,00$ ).

Tabela 17

*Prevalência dos comportamentos abusivos de carácter sexual na relação atual enquanto vítima no género masculino e feminino, testes T-Student para análise das diferenças.*

|   | Relação atual vítima |      |      |          |      |      | t    | P    |
|---|----------------------|------|------|----------|------|------|------|------|
|   | Masculino            |      |      | Feminino |      |      |      |      |
|   | M                    | DP   | SEM  | M        | DP   | SEM  |      |      |
| <i>Forçar outra pessoa a manter atos sexuais contra a sua vontade</i> | 1,15                 | .515 | .066 | 1,15     | .519 | .068 | .027 | .958 |

Quanto à probabilidade de ser vítima nas relações atuais também não se verificam diferenças estatisticamente significativas no comportamento abusivo de carácter sexual entre homens e mulheres. O *p value* é  $> 0,05$ .

Na perspetiva de vítima, quer os homens quer as mulheres têm uma média 1,15 ( $DP=0,515$  nos homens;  $DP=0,515$  nas mulheres) relativamente à prevalência de comportamentos abusivos de carácter sexual.

Tabela 18

*Prevalência dos comportamentos abusivos de carácter sexual na relação passada enquanto vítima no género masculino e feminino, testes T-Student para análise das diferenças.*

|   | Relação Passada- vítima |      |      |          |      |      | t     | P       |
|---|-------------------------|------|------|----------|------|------|-------|---------|
|   | Masculino               |      |      | Feminino |      |      |       |         |
|   | M                       | DP   | SEM  | M        | DP   | SEM  |       |         |
| <i>Forçar outra pessoa a manter atos sexuais<br/>contra a sua vontade</i> | 1,17                    | .486 | .060 | 1,47     | .816 | .102 | 2,537 | .000*** |

Pela análise dos resultados observam-se diferenças estatisticamente significativas no comportamento abusivos de carácter sexual entre homens e mulheres na situação de vítimas nas relações anteriores ( $t=2,537$ ;  $p<0,001$ ). Em média as mulheres

( $M=1,47$ ;  $SEM=0,102$ ;  $DP=0,816$ ) têm mais tendência a serem vítimas de comportamentos de *“Forçar outra pessoa a manter atos sexuais contra a sua vontade”* do que os homens ( $M=1,17$ ;  $SEM=0,060$ ;  $DP=0,486$ ).

#### IV. Discussão

Tendo em conta os objetivos delineados e a literatura considerada pertinente, neste capítulo discutir-se-á os resultados mais relevantes do presente estudo.

Assim, considerando as diferenças intra-grupos (*i.e.*, género masculino e género feminino), os resultados obtidos com o Inventário de Violência Conjugal (IVC, Matos, Machado & Gonçalves, 2000) sugerem maiores níveis de perpetração de violência física, emocional, sexual e financeiro no género masculino, quer nas relações atuais quer nas relações anteriores. Por exemplo, em termos de perpetração de comportamentos de carácter sexual, os homens são mais propensos que as mulheres a forçar a companheira a ter relações sexuais contra a sua vontade. Este dado é congruente com várias investigações empíricas, na medida em que conferem maior perpetração sexual no género masculino (Caridade, 2011; Fisher, Cullen & Turner, 2000; Matos & Moreira, 2003; Paiva e& Figueiredo, 2005). Uma explicação é sugerida quanto a prevalência do sexo masculino em relação a este tipo de comportamento. Segundo diversos autores, deve-se ao facto do ato sexual ser percebido como um impulso biológico instintivo característico da população masculina (Caulfields, 1985; Holland et al, 1990; Jackson, 1987).

Um outro exemplo, no que respeita à perpetração de comportamentos de carácter físico, sugere que *“Bater com a cabeça contra a parede ou contra o chão”*, *“Causar ferimentos que necessitaram de assistência médica”* e *“Dar uma sova”*, são comportamentos mais frequentes no género masculino, enquanto *“Atirar objetos à outra pessoa”* é mais praticado no género feminino. Estes dados corroboram com os dados da literatura recolhida (Alvim & Souza, 2005; Mechem et al, 1999). No geral, neste estudo a perpetração de comportamentos de violência física no parceiro, tende a acontecer mais entre os respondentes do sexo masculino. De acordo com os estudos empíricos, existe ainda alguma controvérsia no que respeita à determinação da sua prevalência em género. A título de exemplo, Straus et al. (2002), numa amostra de estudantes universitários de ambos

os sexos, evidenciaram que 28,2 % dos indivíduos inquiridos afirmaram ter praticado algum tipo de abuso físico sobre o parceiro, sem diferenças significativas entre género. No entanto, pesquisas nacionais e internacionais tendem a demonstrar que no género masculino há uma maior perpetração deste tipo de comportamento comparativamente com o género feminino (Paiva & Figueiredo, 2005; Tjaden & Thoennes, 2000).

De uma forma geral, neste estudo, o fator género parece ter influência na interpretação de comportamentos de violência, uma vez que os homens manifestaram mais comportamentos violentos de carácter físico, emocional, económico e sexual do que as mulheres. Por outro lado, em termos de vitimização, as mulheres são frequentemente mais propensas a sofrerem comportamentos de violência física, nas relações atuais, não se verificando diferenças significativas ao nível das outras categorias de comportamentos abusivos. Efetivamente, no contexto das relações de intimidade, Machado, Matos e Moreira (2003), relataram uma maior vitimização das mulheres quanto a comportamentos violentos de índole físico. No entanto, nas relações passadas as mulheres foram tendencialmente mais vítimas de abuso emocional, económico, sexual e físico do que os homens.

Neste estudo, no que se refere ao tipo de violência mais prevalente nas relações atuais, quer quando visto como um todo, quer pela análise separada da vitimização e perpetração, verifica-se uma preponderância da violência emocional em ambos os sexos com umas ligeiras diferenças ao nível da sua manifestação. A título exemplificativo, na perspetiva de ofensor, o comportamento de *“Insultar, difamar ou fazer afirmações graves para ferir”* é o mais reportado, não se verificando diferenças significativas entre homens e mulheres. Contudo, para os comportamentos de *“Impedir o contato com outras pessoas”*, *“Partir ou danificar objetos intencionalmente”* e *“Perseguir para causar medo”* verificam-se diferenças significativas, sendo que os homens estão mais predispostos que as mulheres a manifestar estes tipos de comportamentos. De outro modo, na perspetiva de vítima, o comportamento de carácter emocional mais evidenciado em ambos os géneros consiste em acordar a meio da noite para causar medo. Como é possível comprovar pela análise dos resultados obtidos, quer na vitimização quer na interpretação de comportamentos violentos, a violência emocional é o tipo de agressão mais comum na VPI. É importante notar que as informações deste estudo vão de encontro aos dados recolhidos na literatura

(Alvim & Souza, 2005; Caridade & Machado, 2006; Gelles, 1997; Heise & Moreno, 2002; Paiva & Figueiredo, 2005).

Resumidamente, tendo em conta os resultados desta investigação, tanto os homens como as mulheres podem ser agentes de violência pelo parceiro íntimo no contexto prisional, embora o manifestam de forma subtilmente diferente e seja mais preponderante no sexo masculino. Também, a violência física pelo parceiro íntimo na sua forma mais grave vitimiza mais o sexo feminino, não se verificando diferenças significativas para os casos de violência emocional, sexual e financeira. Esse é um dado corroborado pela literatura, no qual o risco de uma mulher ser vítima de violência física pelo parceiro íntimo é maior ao de um homem (Desai & Saltzman, 2001; Caldwell et al., 2012; Machado, Matos & Moreira, 2003; Schwartz, 2000). Espinoza (2004) fornece uma possível explicação para este fato ocorrer no contexto prisional, afirmando que as mulheres assumem valores de passividade e submissão, facilitando desta forma eventuais abusos por parte do companheiro. Como é possível verificar pela revisão da literatura, certos contextos favorecem a manifestação da violência. Neste sentido, é importante a replicação de estudos como este no contexto prisional com o objetivo de expandir a validade externa, na medida em que incutem diferenças em termos de género na perpetração da VPI.

Ao longo da realização deste estudo foram surgindo algumas limitações quer ao nível teórico, quer ao nível metodológico. Como tal, a primeira limitação deve-se ao facto de encontrar-se poucos estudos realizados a respeito da população reclusa, restringindo o conhecimento acerca da mesma. A segunda limitação diz respeito ao facto dos estudos sobre a VPI nem sempre trabalharem os seus dados da perspetiva de género. A terceira limitação prende-se com o facto de não poder generalizar os resultados, uma vez que foi utilizada uma amostra por conveniência limitada a um estabelecimento prisional. Neste sentido, considera-se pertinente a replicação de uma investigação como esta noutros estabelecimentos prisionais do país, com o intuito de alargar o estudo sobre a prevalência da VPI e suas diferenças entre os géneros. Finalmente, uma outra limitação, que não cabe no objetivo deste estudo analisar, está relacionada com o facto de não se conhecer a etiologia dos comportamentos violentos, ignorando o facto do ofensor/vítima agir em autodefesa. Diante disto, na análise de um estudo como este é conveniente atender à génese da violência e suas motivações, investindo não só em estudos quantitativos mas

também qualitativos. Neste sentido, os resultados obtidos nesta investigação devem ser interpretados cautelosamente, atendo as suas limitações.

## V. Referências bibliográficas

Alvim, S. F, Souza, L. (2005). Violência conjugal em uma perspectiva relacional: homens e mulheres agredidos/agressores. *Psicologia: teoria e prática*. 7, 171-206.

Arendt, H. (1994). *Sobre a violência*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.

Associação Portuguesa de Apoio à Vítima. (2004). *Estatísticas APAV – 2003, totais nacionais*. Retirado de [http://apav.pt/apav\\_v2/images/pdf/APAV\\_totais\\_nacionais\\_2003.pdf](http://apav.pt/apav_v2/images/pdf/APAV_totais_nacionais_2003.pdf)

Associação Portuguesa de Apoio à Vítima. (2012). *Estatísticas APAV, violência doméstica – 2011*. Retirado de [http://apav.pt/apav\\_v2/images/pdf/Estatisticas\\_APAV\\_VD\\_2011.pdf](http://apav.pt/apav_v2/images/pdf/Estatisticas_APAV_VD_2011.pdf)

Associação Portuguesa de Apoio à Vítima. (2013). *Estatísticas APAV – violência sexual – 2012*. Retirado de [http://apav.pt/apav\\_v2/images/pdf/Estatisticas\\_APAV\\_ViolenciaSexual\\_2012.pdf](http://apav.pt/apav_v2/images/pdf/Estatisticas_APAV_ViolenciaSexual_2012.pdf).

Agamben, G. (1998). *O poder soberano e a vida nua. Homo Sacer*. Lisboa: Editorial Presença.

Berkman, H. (2007). *Social exclusion and violence in Latin America and the Caribbean*. New York: Inter-American Development Bank.

Bottoms, A. E., Hay, W., & Sparks, J. R. (1995). Situational and social approaches to the prevention of disorder in long-term prisons. In J. T. Flanagan (Eds), *Long-Term Imprisonment: Policy, Science, and Correctional Practice* (pp. 96-186). Thousand Oaks California: Sage Publication.

Caldwell, J. E., Suzanne, C., Swan, V. & Woodbrown, D. (2012). Gender differences in intimate partner violence outcomes. *Psychology of violence*, 2, 1, 42-57.

Cardoso, C.C.P., & Quaresma, F. (2012). *Violência doméstica: Da participação da ocorrência à investigação criminal*. Cadernos de Administração Interna, Lisboa: Coleção Direitos Humanos e Cidadania.

Caridade, S., & Machado, C. (2006). Violência na intimidade juvenil: Da vitimização à perpetração. *Análise Psicológica*, 4, 485-493.

Caridade, S. (2011). *Vivências Íntimas Violentas, Uma Abordagem Científica*. Coimbra: Edições Almedina.

Caulfield, M. (1985). Sexuality in human evolution: what is natural in sex?. *Feminist studies*, 11, 343-363.

Clemmer, D. (1940). *The prison community*. New York: Holt, Rinehart & Winston.

Desai, S., & Saltzman, L.E. (2001). Measurement issues for violence against women. In C.M. Renzetti, J.L. Edleson, & R.K. Bergen (Eds.) *Sourcebook on violence against women* (pp. 35-52). Thousand Oaks, CA: Sage.

Direção Geral de Administração Interna. (2010). *Violência Doméstica 2009 – Análise das ocorrências participadas às Forças de Segurança durante o ano de 2009*. Lisboa: DGAI. Retirado de <http://www.dgai.mai.gov.pt/?area=101&mid=109&sid=000&ssid=000&cid=CNT4bcc2ca8162d0>

Espinoza, O. (2004). *A mulher encarcerada em face do poder punitivo*. São Paulo: IBCCrim.

Farrington, D.P., & Nuttal, C.P. (1980). Prison size, overcrowding, prison violence, and recidivism. *Journal of Criminal Justice*, 8, 221-231.

Fisher, B.S., Cullen, F.T., & Turner, M.G. (2000). *The sexual victimization of college women*. Washington, DC: US Department of Justice, Office of Justice Programs.

Gane, M. (2006). Durkheim's theory of violence. *International Social Science Journal*, 58, 41-50.

Gelles, R.J. (1997). *Intimate violence in families*. Thousand Oaks: Sage Publications.

Heise L, Garcia-Moreno C (2002). *Violence by intimate partners*. In: Krug EG et al., eds. World report on violence and health, (pp. 87-121). Geneva, World Health Organization.



Hickman L.J., Jaycox L.H., Heritage, J., Carlton, C. C., & West, B. (1996). *Dating and physical violence*. Reports-research, 43, (pp. 1-22).

Holland, J., Ramazanoglu, C., Scott, S., Sharpe, S. & Thomson, R. (1990). Sex gender and power: young women's sexuality in the shadow of AIDS. *Sociology of Health and Ill-Ness*, 12, 336-350.

Homel, R. & Thomson, C. (2005). Causes and prevention of violence in prisons. In S. O'Toole & S. Eyland (Eds.), *Corrections criminology* (pp. 101-108). Sydney: Hawkins Press.

Hickman, L. J., Jaycox, L. H., & Aronoff, J. (2004). Dating violence among adolescents. Prevalence, gender distribution and prevention program effectiveness. *Trauma, Violence & Abuse*, 5 (2), 123-142.

Irwin, J. (1970). *The felon*. Englewood Cliffs, NJ: Prentice Hall.

Jackson, S.M (1987). Fact's of life or the eroticization of women's oppression? Sexology and the social construction of heterosexuality. In P. Caplan (Eds.), *The cultural construction of sexuality*. (pp.52-81). London: Routledge.

Jackson, S.M. (1990). Issues in the dating violence research: A review of the literature. *Agression and Violent Behavior*, 4, 233-247.

Koss, M.P. (1988). Hidden rape: Sexual aggression and victimization in a national sample of Students in higher education. In A.W. Burgess (Eds.), *Rape and sexual assault* (pp. 3-25). New York: Garland.

Machado, C., Matos, M., & Moreira, A.I. (2003). Violência nas relações amorosas: comportamento e atitudes na população universitária. *Psychologica*, 33,69-83.

Machado, L. M. G. S. (2010). *Crenças e representações sociais dos adolescentes sobre a violência interpessoal*. Porto: Universidade Fernando Pessoa.

Matos, M. (2002). Violência conjugal. In A. Gonçalves, R., & C. Machado (Coords.), *Violência e vítimas de crimes*, 1, (pp.81-130). Coimbra: Quarteto.

Matos, M. (2006). *Violência nas relações de intimidade: Estudo sobre a mudança psicoterapêutica na mulher*. Minho: Universidade do Minho.

Neves, A. S. A. (2005). *A (Des) Construção dos discursos genderizados sobre o amor, o poder e a violência nas relações íntimas: metodologias feministas na psicologia social criticam*. Minho: Universidade do Minho.

Mechem, C.C, Shofer, F.S, Reinhard, S.S, Hornig, S., Datner, E. (1999). History of domestic violence among patients presenting to an urban emergency department. *Academic Emergency Medicine*, 6, 786-791.

O'Keefe, M. (1998). Factors mediating the link between witnessing interparental violence and dating violence. *Journal of Family Violence*, 13, 39-57.

Organisation Mondiale de la Santé. (2002). *Rapport mondial sur la violence et la santé*. Genève: OMS.

Paiva, C., Figueiredo, B. (2004). Abuso no relacionamento íntimo: Estudo de prevalência em jovens adultos portugueses. *Psychologica*, 36, 75-107.

Paiva, C., & Figueiredo, B. (2005). Abuso no relacionamento íntimo e estado de saúde em jovens adultos portugueses [Abuse in intimate relationship and health in Portuguese young adults]. *International Journal of Clinical and Health Psychology*, 5(2), 243-272.

Peterson, R. D., Krivo, L. J., & Harris, M. A. (2000). Disadvantage and neighborhood violent crime: do local institutions matter? *Journal of Research in Crime and Delinquency*, 37, 31-63.

Procuradoria- Geral Distrital de Lisboa. (2014). *Relatório de atividades de 2013*. Consultado a 19 de Agosto de 2014 em: [http://www.pgdlisboa.pt/docpgd/files/relatorio\\_de\\_actividades\\_ano\\_2013\\_fvd\\_revisto.pdf](http://www.pgdlisboa.pt/docpgd/files/relatorio_de_actividades_ano_2013_fvd_revisto.pdf).

Reiss, A. J., & Roth, J. A. (1993). *Understanding and preventing violence*. Washington DC: National Academy Press.

Richards, L., Letchford, S., & Stratton, S. (2008). *Policing domestic violence*. Oxford, NY: Oxford University Press.

Sistema de Segurança Interna. (2014). *Relatório Anual de Segurança Interna – Ano 2013*. Lisboa: SSI, Consultado a 9 de Agosto de 2014 em: <http://www.portugal.gov.pt/pt/documentos-oficiais/20140401-rasi-2013.aspx>.

Storr, A. (1968). *Human aggression*. New York: Atheneum.

Straus, M.A., & Sweet, S. (1992). Verbal/symbolic aggression in couples: Incidence rates and relationships to personal characteristics. *Journal of Marriage and the Family*, 54, 346-357.

Sugarman, D.B., & Hotaling, G.T. (1989). Dating violence: Prevalence, context and risk markers. In M. A. Pirog-Good & J.E. Stets (Eds.), *Violence in dating relationships: Emerginsocial issues* (pp 3-32). New York: Pareger.

Schwartz, M.S. (2000). Methodological issues in the use of survey data for measuring and characterizing violence against women. *Violence Against Women*, 6, 815- 838.

Sykes, G. (1958). *The society of captives*. Princeton: Princeton University.

Tjaden, P., Thoennes, N. (2000). Prevalence and Consequences of Male-to-female and Female-to-male Intimate Partner Violence as Measured by the National. *Violence Against Women*, 6 (2), 142-161.

Ventura, M. C. A. A, Ferreira, M. M. F., & Magalhães, M. J. S (2013). Violência nas relações de intimidade: crenças e atitudes de estudantes do ensino secundário. *Revista de enfermagem*, III série-nº11, 95-103.

Wortley, R. (2002). *Situational prison control :crime prevention in correctional institutions*. Cambridge: Cambridge University Press.

## Anexos

### Anexo 1- Formulário de Consentimento Informado

#### Formulário de Consentimento Informado

Eu, abaixo assinado(a), declaro que estou de acordo em participar no Projeto de Investigação inerente à Dissertação de Mestrado intitulada de “ Estudo sobre a violência nas relações de intimidade: especificidades do contexto prisional” sob a orientação do Prof. Dr. Carlos Fernandes Silva e co-orientação da Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup> Sandra Cristina de Oliveira Soares da Universidade de Aveiro.

As informações serão recolhidas através do preenchimento de um questionário.

Sei que somos livres de desistir do estudo a qualquer momento, se for esse o nosso desejo. Na publicação dos resultados desta investigação, a nossa identidade será mantida no mais rigoroso sigilo e todas as informações que permitem identificar-me permanecerão confidenciais.

Depois de ler as explicações acima referidas, declaro que aceito participar nesta investigação.

Assinatura: \_\_\_\_\_

Data: \_\_\_\_\_

Investigador: \_\_\_\_\_